

O Rei do Reino do Céu

Vincent Cheung

Fonte: Extraído e traduzido do livro *The Sermon of the Mount*, de Vincent Cheung, páginas 4-6, por Felipe Sabino de Araújo Neto.

1. O REINO DO CÉU

O REI (Mateus 4:23-25)

Jesus foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo. Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria, e o povo lhe trouxe todos os que estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos; e ele os curou. Grandes multidões o seguiam, vindas da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e da região do outro lado do Jordão.

Desde o próprio início do Evangelho de Mateus, uma ênfase principal é mostrar que Jesus cumpre completamente as promessas e predições bíblicas, que o que a comunidade do pacto estava esperando durante séculos tinha agora aparecido nessa pessoa, e que assim como João o Batista veio para anunciar o reino do céu e seu rei, Jesus veio para inaugurar o reino do céu como *seu rei*. O conteúdo do Sermão do Monte tanto reflete como reforça essa ênfase. Para o nosso propósito, daremos apenas uma rápida olhada nas passagens imediatamente precedentes ao Sermão, para ver que o ministério e a mensagem de Cristo se adequam a tal contexto, e conduzem ao próprio Sermão.

Primeiro, Mateus mostra que Jesus cumpre os requerimentos da lei. Quando João o Batista hesita em batizar Jesus em Mateus 3:14, Jesus não nega que ele seja diferente de todos os outros que viam para João batizar, mas ele diz: “Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça” (v. 15).¹ Após seu batismo, Jesus completa um jejum de quarenta dias no deserto, e sobrepuja várias tentações do diabo (4:1-11). De tal maneira, Cristo demonstra perfeita obediência cerimonial e moral à lei de Deus.

¹ Jesus provavelmente estava passando pelos passos finais para se tornar um sacerdote de Deus, como definido pela lei. Sob a lei, parece que um sacerdote começava seu ministério aos trinta anos de idade (Números 4:3, 4:7), e assim, Jesus começa seu ministério com essa idade (Lucas 3:23). Entre outras coisas, a lei também requeria que um sacerdote fosse aspergido com água por alguém que já fosse um sacerdote (Números 8:6-7), e assim, quando Jesus começa seu ministério, ele vem até João (que tinha herdado seu sacerdócio do seu pai) para ser batizado. Jesus não era um levita, e seu sacerdócio não era da ordem de Aarão, mas da ordem de Melquisedeque; isto é, ele é um sacerdote por apontamento divino, e não por herança humana (Veja Jay E. Adams, *The Meaning and Mode of Baptism*; Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1975; p. 16-20.)

A obra de redenção de Cristo não inclui somente sua aceitação voluntária de extremo sofrimento (Filipenses 2:8), a qual os teólogos chamam de sua obediência passiva; antes, para redimir os eleitos de Deus, Cristo teve que exceder onde Adão falhou, de forma que ele teve que demonstrar obediência ativa perfeita às leis e preceitos de Deus também. Paulo explica: “Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos” (Romanos 5:19). Como um judeu “nascido debaixo da lei” (Gálatas 4:4), Jesus se identifica com o povo do pacto de Deus por se submeter à lei; contudo, diferente de qualquer outra pessoa, ele cumpre perfeitamente os requerimentos da lei. Jesus demonstra perfeita obediência ativa e perfeita obediência passiva, de forma que Deus fica perfeitamente satisfeito com ele: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mateus 3:17).

Em segundo lugar, Mateus mostra que Jesus cumpre as predições dos profetas. Tudo que os profetas disseram sobre as características e as circunstâncias ao redor do Messias é cumprido em Jesus (4:12-16). Desde o próprio início do seu Evangelho, Mateus dá vários exemplos de como Jesus cumpre essas profecias. Então, visto que o Messias predito seria “o rei dos judeus” (Mateus 2:2) com seu próprio reino celestial (João 18:36), e visto que Jesus cumpre todas as profecias sobre esse Messias predito, isso significa que Jesus é o Messias, e que ele é o rei.

Assim como João o Batista veio como um arauto para anunciar a vinda do rei e seu reino, Jesus veio como esse rei para anunciar a vinda do seu reino. Portanto, Jesus frequentemente fala do “reino dos céus” (4:17), e ele prega “as boas novas do reino” (v. 23). Ele escolhe e chama pessoas para segui-lo e se tornarem seus súditos. Um propósito principal do Sermão do Monte é explicar as características daqueles que pertencem ao seu reino (5:3, 10).

O “reino dos céus” e o “reino de Deus” são sinônimos. Por exemplo, onde Mateus 4:17 diz, “Arrependam-se, pois o *reino dos céus* está próximo”, o versículo paralelo em Marcos 1 diz: “O *reino de Deus* está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (v. 15). E onde Mateus 8:11 diz, “Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no *reino dos céus*”, Lucas 13:28 diz: “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaque e Jacó, e todos os profetas no *reino de Deus*, mas vocês excluídos”.

Dentro do Evangelho de Mateus, os dois termos são usados intercambiavelmente em 19:23-24: “Então Jesus disse aos discípulos: “Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no *reino dos céus*. E lhes digo ainda: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no *reino de Deus*”. Os termos são usados também intercambiavelmente nos relatos paralelos do próprio Sermão do Monte, de forma que onde Mateus diz, “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o *reino dos céus*” (5:3), Lucas diz: “Bem-aventurados vocês, os pobres, pois a vocês pertence o *reino de Deus*” 6:20).²

O “reino” carrega a idéia de um território sobre o qual um rei governa. Visto que Deus governa sobre todas as coisas através de Cristo (Mateus 28:18), nesse sentido mais amplo, o reino de Deus é universal. Contudo, a Escritura frequentemente usa o termo

² Outros exemplos incluem: Mateus 13:11 e Marcos 4:11; Mateus 13:31 e Marcos 4:30; Mateus 13:33 e Lucas 13:20; Mateus 18:3 e Marcos 10:15; Mateus 19:14 e Marcos 10:14.

num sentido mais restrito. O próprio Sermão indica que o reino dos céus não inclui todas as pessoas. Por exemplo, as Beatitudes (5:3-10) especificam as características daqueles a quem o reino dos céus pertence, implicando que aqueles que não possuem essas características não herdarão o reino. Então, 7:21 mostra que nem todos aqueles que pensam que entrarão no reino dos céus entrarão de fato. Na realidade, esse grupo inclui “muitas” pessoas, indicando que “muitos” serão excluídos do reino.

Outras passagens bíblicas não somente reforçam a idéia de que o reino dos céus exclui muitas pessoas, mas elas clarificam também que tipo de pessoas ele inclui, e o que significa “entrar no reino”. Por exemplo, Mateus 18:9 contrasta “entrar na vida” com “ser lançado no fogo do inferno”. Marcos 9:43 e 45 contrasta da mesma forma “entrar na vida” com “ir para o inferno” e “ser lançado no inferno”. Em outras palavras, entrar na vida é o oposto de entrar no inferno. Então, no versículo 47, a Escritura faz o mesmo contraste, mas intercambia “entrar na vida” com “entrar no reino de Deus”. Em Mateus 19:16 e 23, parece que “ter a vida eterna” e “entrar no reino dos céus” são intercambiáveis. Jesus diz em João 3:3 e 3:5 que a menos que uma pessoa “nasça de novo”, ela não pode “ver” ou “entrar” no reino de Deus. Portanto, quando Jesus lista as características daqueles a quem o reino dos céus pertence, ele está listando as características de pessoas “nascidas de novo”, de forma que parece haver uma relação salvífica entre o rei e seus súditos.

Os teólogos frequentemente se referem aos aspectos “já” e “ainda não” do reino. Através disso eles querem dizer que embora o reino já tenha vindo em Jesus Cristo, sua plena manifestação acontecerá no futuro. Com Hebreus 2:8 diz: “Ao lhe sujeitar todas as coisas, nada deixou que não lhe estivesse sujeito. Agora, porém, ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas”. Portanto, embora Jesus diga que “chegou a vocês o reino de Deus” (Mateus 12:28), ele também ensina seus discípulos a orar: “Venha o teu reino” (6:10), a medida que eles continuam a aguardar “sua manifestação e seu reino” (2 Timóteo 4:1, NIV).³

A medida que Jesus realiza o seu ministério, ele prega as “boas novas do reino” (Mateus 4:23). Esse ministério de pregação continuaria através dos apóstolos, de forma que Paulo também descreve sua própria obra como “pregando o reino” (Atos 20:25), declarando a presença e autoridade do reino celestial e seu rei, e chamando as pessoas a se submeterem e se tornarem seus súditos.

A medida que Jesus prega essa mensagem do reino e realiza muitos milagres de cura, vastas multidões de pessoas começam a segui-lo. Contudo, com respeito a muitos adoradores, Deus disse: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mateus 15:8); da mesma forma, muitos daqueles que parecem seguir a Jesus não são realmente discípulos sinceros e adoradores verdadeiros. Jesus advertiria seus ouvintes sobre isso em breve, mas primeiro ele começa o Sermão descrevendo aqueles que entrariam no reino dos céus.

³ Parece que o reino também tem uma íntima relação com a comunidade do pacto, de forma que quando Jesus fala sobre edificar sua “igreja”, ele também se refere às “chaves do reino” (Mateus 16:18-19). Isso explica como alguns dos “súditos do reino serão lançados para fora” (Mateus 8:12); isto é, embora os judeus fossem os membros naturais do reino, tendo nascido na comunidade do pacto de Deus, por causa da incredulidade deles, foram lançados fora, e Deus tirou o reino deles e deu aos gentios (Mateus 21:43).